

Índio testemunha os bastidores do poder

Ex-segurança do Planalto e do Senado relata histórias secretas da política

HUGO MARQUES

BRASÍLIA – Durante anos, ele cuidou do serviço sujo no Congresso. Ex-caminhoneiro, Francisco Pereira da Silva, o Índio, entrou para o Senado em 1964, como auxiliar de limpeza. Forte e entroncado, com fama de bom de briga, passou logo para a área de segurança. Virou chefe. Lá, usou o cargo e o treinamento de jiu-jitsu para intimidar – e até espancar – quem ameaçava os senadores.

A truculência lhe renderia outra inesperada promoção. Foi cedido ao Palácio do Planalto, onde trabalhou como “um cão fiel” do presidente, o general João Figueiredo. Aos 63 anos, aposentado, Índio conta em livro histórias de corrupção, chantagem e sexo

em torno do poder. E defende os métodos que o fizeram temido: “Cabra safado tem de levar um couro e sumir”.

Escrito pelo jornalista Carlos Chagas, o livro “Um Índio e Muitas Flechas” mostra os subterrâneos de Brasília. Índio revela ter usado as próprias mãos para surrar desafetos de políticos. Ele se gaba de ter agredido “o namorado boiola” da filha de um governador do Acre. Tudo com a “cobertura” de agentes da Polícia Federal. O rapaz tinha “péssima reputação” e estaria envolvido em “tráfico de influência”, justifica..

Índio conta ter sido chamado para investigar suposta extorsão à família do senador Roberto Saturnino. Deu “uns tabefes” no acusado. Um desafeto do ex-senador Nilo

Coelho recebeu o mesmo tratamento. “Não há nada que uma correção bem aplicada não resolva”, diz ele no livro. O ex-presidente do Senado Humberto Lucena, conta Índio, mandou-o apurar chantagem contra o médium Chico Xavier, em Uberaba.

Nos tempos de Planalto, lembra o ex-segurança, muitas vezes a ordem para resolver problemas à força vinha do próprio presidente Figueiredo. A senha era seca: “TV”. Significava “te vira”.

Índio diz ter perdido a conta das vezes em que “se virou”, no governo e no Congresso. Um rapaz denunciado por estupro em um gabinete do Senado “levou um cacete danado e sumiu”, conta. Como chefe da Segurança da Casa, ele relata que levava os

suspeitos para “dar uma volta” por Brasília. Ao ser perguntado sobre os detalhes dessas surras, Índio se esquivava. Diz que em alguns casos aplicava “surras de palavras”.

O livro também inclui casos de corrupção. Índio garante ter flagrado o filho de um ex-ministro recebendo um pacote de dólares de um empresário. Acusa um ex-senador, já falecido, por envolvimento com contrabando de relógios importados.

O depoimento traz curiosidades sobre o Figueiredo. Segundo Índio, o ex-presidente telefonou pessoalmente para os ministros do Supremo Tribunal Federal para viabilizar as eleições de Joaquim Roriz, ao governo do Distrito Federal, e a de José Sarney no Senado, pelo Amapá.